

Livremente inspirado na obra de Goethe, Aleksandr Sokurov reinterpreta radicalmente o mito. Fausto é um pensador, um rebelde e um pioneiro, mas também um homem anónimo feito de carne e sangue, conduzido pela luxúria, a ganância e os instintos.

Fausto (Johannes Zeiler) é um homem sábio que se sente frustrado com os limites do conhecimento humano ; as suas experiências para transformar metais em ouro falham sucessivamente, questiona a natureza da alma humana, e está apaixonado por Margarete (Isolda Dychauk), uma mulher que não mostra o mínimo interesse por ele.

Enquanto deambula por uma curiosa casa de penhores, Fausto encontra um agiota desagradável mas falador (Anton Adasinskiy) que lhe propõe o amor de Margarete em troca de um documento assinado onde o cientista se compromete a ceder a sua alma...





ALEKSANDR SOKUROV EM ENTREVISTA

Trabalhou a partir de Goethe? Qual é a sua distância em relação ao mito de origem?

A distância é grande, tal como era a que existia entre a lenda e aquilo que Goethe escreveu. O FAUSTO que me serviu de base é acima de tudo a obra de arte inventada e escrita por Goethe; a certa altura o projecto chamava-se mesmo « Goethe e Thomas Mann ». Goethe sentia-se muito livre relativamente ao mito. Penso que ele não era um homem do século XVIII. Era, talvez possamos dizer, um homem do século XXIII. A sua ligação com a cultura medieval, que viu nascer a lenda, é muito discutível. Mas essa ligação existe, e sobretudo através da linguagem: nas particularidades da língua alemã, na sua brutalidade, no seu dramatismo, nos seus aspectos aguçados.

Mergulha-se na obra de Goethe em luta com uma certa rigidez antiquada da língua. É necessário ter-se consciência do tempo que foi necessário para o autor desenvolver as suas duas partes: quase cinquenta anos. Raramente as obras literárias surgem rapidamente. Goethe serviu-se do tempo para ir além da lenda e estabeleceu fundações para um novo mito. Quando se é confrontado verdadeiramente com problemas climáticos, quando a vida das pessoas se torna cada vez mais complicada com a evolução da crise económica, relê-se FAUSTO.

Qual foi o ponto de partida para trabalhar esta adaptação?

Eu crio uma obra visual, a sua distância com a obra literária é um grande problema. Um dos problemas principais é a questão dos detalhes. Goethe tem a capacidade única de não mencionar os detalhes: não sabemos nada sobre a vida de FAUSTO. E no entanto emerge uma personagem incrível, gigantesca, uma espécie de monólito. Porquê? Porque ele está sempre a falar. Nos espectáculos adaptados desta obra, em todos os teatros do mundo, a personagem esgota o espectador através da sua verbosidade, pelo frenesi de frases acutilantes... Imaginem estes encadeamentos de fórmulas filosóficas ditas com as graves entoações da língua alemã: o espectador não sabe mais onde se esconder. E sai do espectáculo sem saber quem é FAUSTO. Essa foi a minha tarefa principal: tentar criar este homem, a minha versão.

Dediquei-me a tentar aprofundar a sua biografia. É difícil, tendo em conta que se trata de uma personagem mitológica. Mas um cineasta precisa disso, porque vai mostrar um ser humano no ecrã. É um grande problema saber como ele é, qual a sua personalidade. Temos de procurar o seu pai e a sua mãe, sem os quais não é possível acreditar. Isso não interessava a Goethe; não estava interessado nas suas pernas, apenas nos seus pensamentos eruditos, na sua cabeça voadora. Mas o que há abaixo dessa cabeça? Como é que ele se veste? O que come? Esse é o problema: como passar do mito à vida.

Como chegou até à vida desta personagem?

Recusei concentrar-me em pensamentos filosóficos para que não se tornasse numa confusão. Escolhemos mostrar uma história humana, de forma a vermos um homem no ecrã. E passa-se numa época incerta. FAUSTO ocupa um espaço social, ele tem a cabeça no lugar, uma boa educação. Porém, encontra-se numa posição difícil, humanamente. Como assim? Onde é que ele mora? Quais são os seus erros? Ele decide em consciência, mas também erra sem compreender. Até mesmo alguém com a mesma educação e inteligência de FAUSTO, um monólito, erra por falta de julgamento. O quê? FAUSTO não é capaz de avaliar

uma situação? FAUSTO está errado? Como é possível? Mas é o FAUSTO! É precisamente isto que faz a camada superficial do filme, que não pretende uma leitura completa da obra. Eu quero sobretudo que as pessoas queiram ler as obras. Ler Goethe! Eu, o realizador Sokurov, sou um pequeno homem que lança a pedra para que ela se mova para o mais longe possível. Se eu conseguir espicaçar a curiosidade de um espectador, então já cumpri o meu papel.

Ao mesmo tempo, este filme é uma parte de uma tetralogia. Na sua dramaturgia, a sua atmosfera emocional, existem ligações que eu já tinha feito nos filmes anteriores. O actor que interpreta Hitler em Moloch, Leonid Mozgovoy, encarna o pai de FAUSTO. E na minha imaginação, tal como idealizei, sem saber se o consegui, queria que a tetralogia não fosse linear, mas antes um círculo. Neste círculo, os laços vão interligando personagens e momentos históricos muito distantes.

Como se desenrola um processo de adaptação tão delicado ? O trabalho inicial sobre a história já contém as primeiras visões ou directrizes visuais?

Para mim, o filme é como uma árvore à qual deve ser permitido crescer. Quando a vemos a brotar do solo, parece-se muito pouco com a árvore em que se vai tornar. Quando nos deparamos face a um poder como o do texto do Goethe, é ainda mais difícil deixar crescer a árvore do filme, à sombra de um tal texto... É preciso ter muito cuidado.

Trabalhar numa língua estrangeira é um caso particular, porque implica encaixar o trabalho no guião literário, que se torna uma espécie de solo a arar cada vez mais para que a árvore cresça correctamente. Conteí ao argumentista a minha ideia. As personagens e as grandes linhas do tema principal eram já claras para mim, tal como as acções e as emoções das personagens. O argumentista esboçou um rascunho geral de situações e diálogos, em russo. Depois comecei a adaptar tudo para alemão e no final restou muito pouco do guião inicial. Para o trabalho de um escritor, tal como para o de um actor, a distância entre línguas é grande, na atmosfera emocional, no temperamento. Os meios para exprimir o pensamento filosófico são diferentes : em russo, ele toma uma tonalidade quase terna, suave. Na Rússia, somos apaixonados pela Filosofia, encaramo-la um pouco como a Música. Na Alemanha é o inverso. E isso acontece da mesma forma com o trabalho de um actor. Se um actor russo interpreta um alemão, mas em russo, será impossível recorrer à dobragem posteriormente – a natureza da dicção é muito diferente, a acentuação lógica e emocional é enfatuada em momentos diferentes.

É por isso que a tradução é uma segunda escrita, que afasta o argumento da sua primeira versão. Isto para vos explicar que essa etapa do trabalho é muito

delicada. A tradução é o nascimento do próprio filme, que é filmado a partir deste segundo texto. Existem novas personagens, novas situações... E ainda durante a rodagem, constantemente, surgem alterações. Porque o sentido que está expresso nas palavras é também interpretado de outras formas, pela simples presença dos actores, pelos objectos, pela luz. E não podemos sobrecarregar o espectador. Por isso eu lanço os diálogos e as cenas suavemente.

Entrevista realizada por Cyril Béghin – Janeiro 2011 – Cahiers du Cinéma n° 663



Le Monde

FAUSTO : SOKUROV FAZ UM ACORDO COM O DIABO

Provavelmente, a nova obra-prima de Aleksandr Sokurov (Leão de Ouro no Festival de Veneza) deve ser vista como a forma que o cineasta encontrou de pensar sinteticamente, num filme, todo o século XX.

Esta é talvez a explicação que se pode atribuir à afirmação, pelo realizador, de que o seu FAUSTO será a última parte de uma tetralogia composta por « Moloch » (1999), « Taurus » (2000) e « The Sun » (2004). Três títulos para três formas de descrever, através da desmistificação, homens que encarnaram formas de totalitarismo que tomaram de assalto o poder político na primeira metade do século XX : Hitler, Lenine e Estaline, e o Imperador Hirohito.

Tal como o Godard de « Filme Socialismo », Sokurov acredita que o século passado se encontra fixado na sua primeira metade, nunca deixando de rever, repensar e reencenar um período histórico que lhe possa, de uma vez por todas, dar um sentido ? Este sentido escondido que procura o cineasta russo encontra, em todo o caso, as suas raízes num mito muito mais antigo, o mito de FAUSTO, sobre um pacto diabólico, o da perda da sua alma em troca de uma retribuição, de uma condenação.

E se FAUSTO fosse a prequela para os filmes citados ? Ao espectador, com a memória dos títulos precedentes dessa suposta tetralogia, falta fazer o *raccord*, o que separa e explica a passagem da História à alegoria.

O filme inicia-se com a autópsia de um cadáver naquele que descobrimos ser o laboratório do Doutor Fausto. Este, ajudado pelo seu assistente Wagner, vai dispondo órgãos retirados de um corpo sombrio e apodrecido. O homem, desde as primeiras imagens, é devolvido à simples materialidade do seu corpo efémero, realidade que o cientista vai procurar compreender, e talvez superar, numa busca errática.

Porque o FAUSTO de Sokurov é menos um homem totalmente consciente que explora o mundo do que um ser que parece impulsionado pelo movimento das coisas. Sujeito ou objecto, homem do Conhecimento ou simples palha empurrada pelos remoinhos da multidão, guiado por um

velho usurário deformado que não é outro senão o diabo, tal é o destino do herói do filme.

Num século XIX artificial, esverdeado e enlameado, coberto por uma enevoada luz pelo Director de Fotografia Bruno Delbonnel (que trabalhou, surpreendentemente, em «O Fabuloso Destino de Amélie Poulain, de Jean-Pierre Jeunet), a deriva do cientista ganha consistência no coração de um universo reconstruído a partir de alguma da História da pintura, nomeadamente a alemã, a da Renascença mas também daquela que foi a fonte da Arte romântica.

Os planos encontram também o caos metafísico e grotesco de Hieronymus Bosch. A imagem é por vezes distorcida, anamorfizada, os corpos são torcidos pela utilização de diferentes objectivas. O espaço e a figura humana são modelados por um princípio estético totalitário, figuração plástica da coerção real e mental à qual FAUSTO tenta, em vão, escapar.

É na última parte da obra que o tentador consegue extrair a alma do cientista em troca da visão da sua Marguerite, uma jovem lavadeira (Isolda Dychauk) de sensualidade etérea e carnal. A ideia de encaixar toda a fraqueza humana num *élan* lascivo transforma-se aqui em questionamento metafísico e político.

Fiel a uma tradição filosófica que é ao mesmo tempo pessimista e vitalista, Sokurov parece ver no Homem um ser imperfeito, restringido por desejos triviais, vítima de pulsões irreprimíveis, cuja fraqueza será a causa, bem como a presa, da tirania.

É também, talvez, a afirmação de que a vontade de criar um homem novo, cruel utopia que atravessa, há um século, a História europeia, é uma ilusão. E é nos derradeiros minutos do filme, no momento em que a explosão de um geysir, para onde FAUSTO havia arrastado o diabo, resulta no riso do cientista, que essa interrogação se torna miraculosamente concreta.

Jean-François Rauger



“A tetralogia de Sokurov conta a história da transformação de homens sedentos por poder em fantoches sem alma ou a história de monstros horríveis condenados moralmente a uma solidão existencial. Através de um esforço titânico, FAUSTO combate o Mefisto não só com enormes pedras mas proclamando, de forma patética, que ele trará a felicidade a uma humanidade grata, e dirige-se “para além”, em direcção às montanhas majestosamente brancas que vemos ao longe. FAUSTO liberta-se do espírito do Mal e parece ficar “purificado”. Mas pode este final ter outro significado? Porque ao destruir o pequeno “invólucro” de Mefisto, FAUSTO, que vendeu a sua alma, destrói também o sentido da sua culpa pelos crimes voluntários e involuntários, e passa definitivamente para o lado do Mal. A transmissão do Mal vai passando em boas mãos.”

Oleg Kavalov (cineasta)

“É um filme sobre o homem contemporâneo desprovido de qualquer noção do princípio supremo que o liga ao mundo, sobre o homem que perdeu completamente a noção da origem teológica do poder. Os tiranos dos filmes precedentes da tetralogia vêem-se a si mesmos com a representação de Deus na Terra e descobrem uma coisa muito desagradável: eles são apenas seres humanos. No FAUSTO de Sokurov acontece o inverso: o homem torna-se ídolo em frente dos nossos olhos. O poder atrai FAUSTO. A sua divisa é: “Se eu quero, assim será.” A marcha triunfal de FAUSTO pelo mundo começa no momento em que o filme termina: ele parte para se tornar um tirano, um político, um oligarca, um Lenine, um Hitler, um Abramovitch. É uma coincidência que o realizador interrompa a sua viagem neste preciso momento?”

Mihail Jampolski (crítico de cinema)

ALEKSANDR SOKUROV



Nascido na Rússia em 1951, Sokurov ingressa na Universidade de Gorky (departamento de História) em 1968. Durante os seus estudos começa a trabalhar na televisão local. Aos 19 anos, produz o seu primeiro programa televisivo. Entre 1975 e 1979, Sokurov estuda Direcção de Actores na VGIK (a Escola de Cinema de Moscovo). O seu primeiro filme « La voix Solitaire » foi elogiado por Tarkovski e valeu-lhe inúmeros galardões. Nos anos 1980, Sokurov trabalhou para a produtora LenFilm. Começa ao mesmo tempo a trabalhar para a produtora de documentários Leningrad, através da qual conseguiu realizar os seus próprios filmes.

Aleksandr Sokurov é bastante prolífico como realizador mas também como argumentista e director de Fotografia nos seus próprios projectos.

Da sua obra constam filmes inesquecíveis como “Mãe e Filho”, “Pai e Filho”, “A Arca Russa”, “Moloch”, “Taurus”, “O Sol” ou “Alexandra”. Recebeu vários prémios, quer na Rússia quer internacionalmente : o Prémio Tarkovski, vários prémios nos Festivais de Cannes, Locarno e Veneza, onde conquistou o prestigiado Leão de Ouro por FAUSTO.

A Academia Europeia de Cinema considerou-o um dos 100 melhores realizadores de toda a História do Cinema.

FAUSTO

FICHA ARTÍSTICA

Johannes Zeiler - Heinrich Faust

Anton Adasinsky -

Isolda Dychauk - Margarete

Georg Friedrich - Wagner

FICHA TÉCNICA

Realização - Aleksandr Sokurov

Produtor - Andrey Sigle

Argumento - Aleksandr Sokurov, Marina Koreneva

Director de Fotografia - Bruno Delbonnel

Montagem - Jörg Hauschild

Produção - Proline Film

Título Original / Internacional: Faust

Ano de Produção: 2011

Género: Longa-metragem

Duração : 134 min.